


TEMPEROS DE UMA (CES)SEXTA COM ATD

SEASONINGS OF A (CES)FRIDAY WITH ATD

Vivian dos Santos Calixto

Doutora em Educação para a Ciência e a Matemática.
Universidade Federal da Grande Dourados (UFGD), Dourados, Mato Grosso do Sul, Brasil.

 <https://orcid.org/0000-0002-5521-0633>
viviancalixto@ufgd.edu.br

RESUMO: O debate em torno das questões teórico/metodológicas, especialmente dos estudos qualitativos, tem se desvelado como uma demanda pujante em nossas ações no campo da Educação Química e na Educação em Ciências. Diante dessa conjectura, inspirada por esse cenário e pelos estudos catalisados pela Análise Textual Discursiva (ATD) tenho desenvolvido um Programa de Estudos e Pesquisa que assume a ATD enquanto fenômeno, a coisa a ser compreendida. No decorrer desse texto comunico o movimento interpretativo de uma sala de aula, em um curso de Pós-Graduação do Centro-Oeste, que se orientou a partir das dimensões teóricas e práticas da ATD. Nesse ínterim, foram analisados os textos finais, produzidos por dez pós-graduandos, mediante os pressupostos da própria ATD. Do processo de análise emergiram 86 unidades de significado, 14 categorias iniciais, 3 categorias intermediárias e 1 final. Nesse texto, aborda-se a terceira categoria intermediária, denominada de “Os temperos da (ces)sexta: percepções construídas”. Mediante o exercício de análise argumenta-se em torno da relevância da subjetividade, da escrita, do metatexto, da recursividade e da dúvida das certezas enquanto temperos da cesta da/na ATD.

Palavras-chave: Análise Textual Discursiva. Dimensões teóricas. Sala de Aula.

ABSTRACT: The debate surrounding theoretical/methodological issues, especially qualitative studies, has emerged as a thriving demand in our actions in the field of Chemical Education and Science Education. Given this conjecture, inspired by this scenario and by studies catalyzed by Discursive Textual Analysis (DTA), I have developed a Study and Research Program that assumes DTA as a phenomenon, the thing to be understood. In the course of this text, I communicate the interpretative movement of a classroom, in a Postgraduate course in the Midwest, which was guided by the theoretical and practical dimensions of DTA. In the meantime, the final texts, produced by ten postgraduate students, were analyzed using the assumptions of DTA itself. From the analysis process, 86 units of meaning emerged, 14 initial categories, 3 intermediate categories and 1 final category. This text addresses the third intermediate category, called “The seasonings of (this) Friday: constructed perceptions”. Through the analysis exercise, arguments are made about the relevance of subjectivity, writing, metatext, recursion and doubt of certainties as seasonings in the ATD basket.

Keywords: Discursive Textual Analysis. Theoretical Dimensions. Classroom.

OS FIOS QUE TRAMAM A BASE DA CESTA: O PROLÓGO

A Análise Textual Discursiva, popularizada como ATD, tem se delineado como uma metodologia de análise de informações empíricas, de cunho textual, vinculada a pesquisas de natureza qualitativa, em ascensão. Proposta por professores/pesquisadores da/na Educação Química, respectivamente Roque Moraes e Maria do Carmo Galiuzzi, não se distingue apenas por essa particularidade. Sua associação à perspectiva filosófica,

especialmente, às dimensões da Fenomenologia e da Hermenêutica, tem catalisado um conjunto de reflexões e problematizações no campo da Educação em Ciências e Química, particularmente aquelas correlatas a relevância de nos debruçarmos, de forma mais intensa e com mais dedicação aos estudos qualitativos.

Sua aposta na escrita, em sua função epistêmica, e a preocupação em acolher os pesquisadores iniciantes destacam-se como elementos que tem atribuído potência a proposta e instigado tantos investigadores a incorporá-la em seus programas de pesquisa. A gênese da ATD é comunicada, para a comunidade científica, de maneira mais formal via artigo publicizado em 2003, denominado de “Uma tempestade de luz: a compreensão possibilitada pela Análise Textual Discursiva” (Moraes, 2003), posteriormente publicado como capítulo do livro “Análise Textual Discursiva” (Moraes; Galiazzi, 2007).

No entanto, o percurso trilhado para sua proposição é longo e não ocorreu de forma abrupta, mas diante de “o despertar de uma nova visão” (Moraes; Galiazzi, 2016), catalisada pelo processo de doutoramento do professor Roque Moraes. Nuance comunicada por Galiazzi e Sousa (2022, p. 17), especialmente quando discorrem que o encontro do professor “com a fenomenologia de Husserl e de Merleau-Ponty com a pesquisa naturalística, com o existencialismo e com a hermenêutica existencial de Heidegger” catalisou a proposição da ATD.

De 2003 até os dias atuais podemos vislumbrar, de forma inquestionável, o movimento de ascensão da ATD. Sua adoção, enquanto metodologia de análise de informações, se faz presente em um conjunto significativo de pesquisas no campo da Educação Química/Ciências e tem extrapolado essas fronteiras. Aspecto facilmente observado quando consultamos os índices de citação das distintas versões da obra. Em consulta ao Google Acadêmico, durante o mês de março de 2025, considerando, apenas, a primeira edição, publicada em 2007, identificamos um total de 2.540 citações.

Além do exposto, podemos observar o progresso na adesão desta metodologia quando mapeamos sua presença em cursos e palestras em congressos científicos de diferentes envergaduras, desde eventos locais e regionais até nacionais e internacionais. Como exemplo pode-se mencionar congressos como: o Seminário Internacional de Pesquisa e Estudos Qualitativos; o Encontro Nacional de Pesquisa em Educação em Ciências; o Encontro Nacional de Ensino de Química; e os Encontros de Debates sobre o Ensino de Química. Com temática centrada, exclusivamente, na ATD destaca-se o “Seminário Temático: O exercício da Análise Textual Discursiva na Pesquisa”¹, promovido pelo Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal do Mato Grosso e coordenado pela professora Grazielle Borges de Oliveira Pena, em dezembro de 2023.

Esse movimento de expansão da ATD tem catalisado reflexões importantes em torno da relevância do desenvolvimento de estudos que incorporem como foco a compreensão de suas dimensões teóricas, a sua orientação. Em especial, as investigações comunicadas por Sousa (2016)

podem ser identificadas como precursoras no processo de interpretação das nuances teóricas que alicerçam a proposta da ATD, particularmente as questões correlatas a sua vinculação com a hermenêutica filosófica de Hans-Georg Gadamer (1900-2002).

Durante seu processo de doutoramento, Sousa (2016), investigou a tradição da linguagem na Educação Química. Nesse intento, desenvolveu três estudos, centrados em:

- i) Situar a reivindicação da hermenêutica filosófica na metodologia da Análise Textual Discursiva; ii) Delinear os pressupostos da hermenêutica filosófica para além do caráter metodológico na Educação em Ciências e na Educação Química e; iii) Compreender o fenômeno de tradição de linguagem da Química em termos de Filosofia da Educação e articulá-lo à Educação Química (Sousa, 2016, p. 19).

Especificamente o primeiro estudo argumenta em torno da vinculação da ATD aos pressupostos teóricos da hermenêutica filosófica proposta por Gadamer, destacando como conceitos centrais, que alicerçam esse vínculo, o reconhecimento do outro, os movimentos circulares e espirais da/na análise e a ampliação de horizontes (Sousa, 2016). Em 2022 o autor supramencionado publicou uma obra intitulada “Análise Textual Discursiva: uma ampliação da horizontes” em coautoria com a professora Maria do Carmo Galiazzi, na qual avançam nesse programa de investigação incorporando outras categorias de análise, tais como: o conceito de hermenêutica; categoria e categorização; compreensão; fenômeno; descrição; texto; discurso; e metáfora (Galiazzi; Sousa, 2022).

Como reflexões e compreensões, após análise detalhada, acerca das marcas teórico/metodológicas da hermenêutica filosófica na ATD destacam:

O que emerge desta metá-análise é a vinculação da ATD à Hermenêutica Filosófica, que aposta na escuta atenta das informações textuais e discursivas como exercício do reconhecimento outro. Acerca dos passos de unitarização, categorização e metatexto, aproxima-se a noção de círculo ou espiral hermenêutico em que não é possível ingressamos em um movimento interpretativo negando nossas pré-compreensões, pois elas constituem uma reivindicação à coerência de análise. Por fim, a tarefa hermenêutica na ATD é ir além do que já se sabe sobre o fenômeno, aprender sobre ele, ampliando o horizonte interpretativo por meio das emergências teóricas, ou seja, na disposição de novas elaborações dialógicas (Galiazzi; Sousa, 2022, p. 33-34).

Diante dessa conjectura, inspirada pelos estudos e investigações com ancoragem na ATD, tenho desenvolvido um Programa de Estudos e Pesquisa que assume a ATD como fenômeno a ser investigado, ou seja, a coisa a ser compreendida (Calixto, 2025a, 2025b). Nesse texto, comunico parte de um dos estudos realizados em vinculação ao projeto supramencionado. Nesse ínterim, intenciono por meio desse texto compreender “o que é isto que se mostra da experiência vivenciada em um componente curricular, de um

programa de pós-graduação, com foco na ATD e que assumiu suas dimensões teórico/metodológicas enquanto princípios orientadores de suas ações”.

Ante ao exposto, organizo o texto em quatro dimensões, respectivamente entendidas enquanto elementos que oportunizam o desvelamento de camadas de interpretação do processo formativo experienciado no decorrer de um semestre. Inauguramos esse processo nas palavras que estruturam esse prólogo, ou dos fios que alicerçam a base de nossa cesta. Na sequência avançaremos rumo ao delineamento dos elementos que incorporam forma e contorno a esse desafio, as nuances metodológicas. Posteriormente, no diálogo entretecido a partir dos temperos dessa cesta constituímos pistas que indicam problematizações, reflexões e compreensões. Culminamos o itinerário, com a certeza de que o diálogo, ou a trama e a composição da cesta, não se encerra, mas precisa ser abandonado, mediante as conclusões. Seguimos, partimos, agora, para as formas e contornos da cesta.

FORMAS E CONTORNOS DA (CES)SEXTA: AS NUANCES TEÓRICO/METODOLÓGICAS

A proposição da metáfora da (ces)sexta, comunicada neste texto, emerge, em parte, diante do dia em que a sala de aula, aqui analisada, ocorria. Durante um semestre nos reuníamos, toda sexta à noite, para aprender coletivamente acerca da/na ATD no espaço/tempo de um componente curricular vinculado a um Programa de Pós-Graduação de Ensino de Ciências e Matemática do Centro-Oeste.

Nesse ínterim, as formas e contornos que foram definindo, de maneira mais nítida, a cesta da ATD se desvelaram por meio do movimento interpretativo estabelecido na compreensão da experiência vivida no decorrer de nossas aulas nas sextas à noite. Diante desses marcadores cabe destacar os construtos de Moraes (2021), acerca da pesquisa qualitativa, como inspiração e ancoragem teórica para a proposição desse desafio investigativo/compreensivo.

Para Moraes (2021, p. 102) a investigação qualitativa “pode ser compreendida como conjuntos de ciclos dialéticos e hermenêuticos. Nestes ciclos trabalha-se no sentido de superação gradativa de teses e teorias existentes e de sua substituição por novas teses e teorias”. O autor ainda avança argumentando que esse movimento pode incorporar amplitudes variadas, desde pequenas mudanças teóricas e práticas até saltos paradigmáticos (Moraes, 2021).

Considerando nossa sala de aula, entendo que a experiência vivida pode ter oportunizado para alguns pequenas, mas importantes, problematizações/transformações, enquanto para outros pode ter se delineado, quase, como uma metamorfose. Avançando na proposição de pesquisa qualitativa, que inspira esse texto, Moraes (2021) argumenta que esse exercício intenciona a passagem do Ser rumo ao Novo Ser, mediante

sete elementos, dos quais menciona: ser, comunicação, validação, argumentos, encontros, questionamentos e novo ser.

Diante dessa conjectura, a investigação aqui comunicada, se catalisou mediante um macro questionamento: o que é isto que se mostra de uma sala de aula, que assumiu a ATD como o fenômeno a ser aprendido e investigado, a partir das vivências dos pós-graduandos? Nesse cenário, delineia-se como preponderante apresentar alguns elementos de contextualização desse espaço, nossa sala de aula.

O componente curricular denominado de “Horizontes compreensivos da/na Análise Textual Discursiva” vincula-se ao programa de pós-graduação supramencionado e assume como foco as nuances teórico/práticas da ATD. No decorrer do segundo semestre de 2023 integraram essa comunidade dez pós-graduandos. No decorrer das aulas foram estudados e debatidos três textos, respectivamente: a) capítulo 1 “Uma tempestade de luz: a compreensão possibilitada pela Análise Textual Discursiva”; b) capítulo 4 “Movimentando-se entre as faces de Jano: o comunicar e o aprender na produção escrita que acompanham a Análise Textual Discursiva”; e c) capítulo 6 “Análise Textual Discursiva: Análise de Conteúdo? Análise de Discurso?” (Moraes; Galiazzi, 2016).

Além disso, analisamos, de forma individual, três vídeos publicados na plataforma You Tube, atrelados à falas da professora Maria do Carmo Galiazzi, dos quais pode-se citar: a) "Análise Textual Discursiva: entre a descrição e a compreensão"; b) "Análise Textual Discursiva: das perguntas ao metatexto"; e c) "ATD: uma ampliação de horizontes da palavra ao conceito². Esses vídeos foram unitarizados e para cada um destes os pós-graduandos deveriam elaborar um argumento aglutinador, que contemplasse os seus entendimentos a partir da escuta e fragmentação. Ao final do prazo estabelecido foram entregues seis argumentos, assumidos como material empírico para desenvolvimento da dimensão prática da ATD no componente curricular³.

Todas essas vivências foram registradas em Portfólios, individuais, e compuseram o sistema de avaliação. Como atividade final foi proposto aos pós-graduandos a elaboração de um texto, construído de forma individual ou em dupla, que contemplasse a análise dos argumentos supracitados. Esse texto final se inspirou no modelo proposto no “I Colóquio de Pesquisa em Educação em Ciências Fenomenológica e Hermenêutica”⁴, organizado pelo Grupo de Pesquisa JANO: Filosofia e História na Educação em Ciências, vinculado a Universidade Federal do Paraná (UFPR), setor Palotina, em colaboração com um conjunto de outros grupos de pesquisa.

Foram entregues seis textos, e estes se delinearão como o material empírico analisado nesse artigo. Cabe ressaltar que cada pós-graduando assinou um Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), autorizando a análise dos materiais elaborados no componente curricular em foco. O movimento de análise se organizou mediante os pressupostos da ATD, partindo da unitarização rumo a categorização e elaboração do metatexto. Do processo de análise emergiram 86 unidades de significado, 14 categorias

iniciais, 3 categorias intermediárias e 1 categoria final. O percurso de categorização pode ser observado mediante o Quadro 1, comunicado na sequência.

Quadro 1 – Processo de Categorização

Categorias Iniciais	Categorias Intermediárias	Categoria Final
A - Na base da cesta tem fenomenologia e hermenêutica (14 US)	Categoria Intermediária 1 – Na base da cesta: os aportes teóricos da ATD [A (14) + D (6) + G (7) + K (12) = 39]	O que se mostra da/na nossa (ces)sexta: aprendentes do aprender com a ATD [Cat. Int. 1 (39) + Cat. Int. 2 (20) + Cat. Int. 3 (27)=86]
D - A metáfora como uma forma de narrar a compreensão (6 US)		
G - Uma postura filosófica: não julgar (7 US)		
K - O fenômeno como meu reflexo ou eu sou o reflexo do fenômeno (12 US)		
B - Nossa sala de aula: entre intencionalidades e organização (4 US)	Categoria Intermediária 2 – Tem ATD na nossa sexta: marcadores da nossa sala de aula [B (4) + H (6) + I (2) + L (1) + N (7) = 20]	
H - Demarcações históricas para além das comparações: ATD, AC e AD (6 US)		
I - Ampliar horizontes é perceber além do explícito (2 US)		
L - A escuta do texto como uma postura na/da ATD (1 US)		
N - A arte de interpretar na ATD (7 US)		
C - O tempero da subjetividade e da teoria (6 US)	Categoria Intermediária 3 – Os temperos da (ces)sexta: percepções construídas [C (6) + E (7) + F (6) + J (5) + M (3) = 27]	
E - Pesquisar é escrever, e escrever potencializa a leitura (7 US)		
F - O metatexto e seu potencial como elemento estruturante do conto (6 US)		
J - Um passo à frente, dois atrás, avanço mais três e sigo o caminho: a reconstrução como combustível (5 US)		
M - Duvidar de nossas certezas, um tempero da/na ATD (3 US)		

Fonte: Calixto (2025a, p. 174).

No decorrer da próxima dimensão deste artigo será apresentado o metatexto, proveniente da terceira categoria intermediária, denominada de “Os temperos da (ces)sexta: percepções construídas”.

OS TEMPEROS DA (CES)SEXTA: PERCEPÇÕES CONSTRUIDAS

A cesta geralmente assume a função de guardar algo, de preservar esta coisa em um ambiente específico, considerando um possível percurso a ser realizado. No conto de “chapeuzinho vermelho”, por exemplo, a menina carrega em sua cesta alimentos para entregar a sua avó, que estava enferma. Sua estrutura pode assumir distintas possibilidades, considerando nossa região, reconhecida pelo agronegócio, imaginemos uma cesta feita de palha de milho, das vastas plantações que circundam a nossa universidade.

Nessa cesta, alocamos nossas vivências e experiências ao aprender coletivamente acerca da ATD, incorporando seus princípios teórico/metodológicos em nossas aulas. No percurso desenvolvido, no decorrer de um semestre, inúmeras reflexões, problematizações, compreensões e interpretações emergiram, esses podem ser destacados como os temperos que compõe o interior de nossa cesta.

Nesse ínterim, por meio desse metatexto, estabelecido a partir da terceira categoria intermediária desenvolve-se um exercício de comunicação de nossas aprendizagens e reflexões. A estrutura desse, desafiador, processo de escrita se alicerça mediante cinco categorias iniciais, respectivamente denominadas de: i) C - o tempero da subjetividade e da teoria, com seis unidades de significado; ii) E - pesquisar é escrever, e escrever potencializa a leitura, com sete unidades; iii) F - o metatexto e seu potencial como elemento estruturante do conto, com seis unidades; iv) J - um passo à frente, dois atrás, avanço mais três e sigo o caminho: a reconstrução como combustível, com cinco unidades; e v) M - duvidar de nossas certezas, um tempero da/na ATD, com três unidades. Com o término da apresentação desses marcadores iniciais passemos aos temperos.

Tempero i: a subjetividade e a teoria

A abertura a múltiplos caminhos de análise, na ATD, desvelou-se, logo na sua gênese, como algo aceitável. A subjetividade se configurou com algo que não seria negligenciado. Nesse âmago a ontologia do pesquisador, e seu grau de experiência, influenciam na condução das dimensões que alicerçam o itinerário interpretativo desta metodologia, tais como a unitarização, a categorização e a elaboração do metatexto.

Nesse processo, o encontro com a Fenomenologia de um de seus autores, o professor Roque Moraes, pode ser destacado como catalisador da adoção dessa e de outras perspectivas que balizam a ATD. No capítulo “O despertar de uma nova visão” - proveniente da tese de doutorado do professor Roque - publicado na última edição do livro da ATD, desenvolve-se uma linha de argumentação em torno da relação da subjetividade e da Fenomenologia. Nas suas palavras: “Sendo a Fenomenologia o estudo dos fenômenos como se apresentam a consciência, ela valoriza a subjetividade

em sua procura por atingir a essência dos fenômenos” (Moraes; Galiuzzi, 2016, p. 23).

Do exercício de análise dos textos elaborados pelos pós-graduandos, percebe-se um alinhamento do conceito de subjetividade ao entendimento de que cada pesquisador, diante de seu grau de vivência na pesquisa qualitativa e na ATD, pode identificar ou deixar de perceber nuances do fenômeno, a coisa a ser investigada. Assim, T3.7 discorrem em torno da perspectiva de que dos retalhos do todo, inerentes ao movimento de unitarização, emergem horizontes de compreensão. Nuance explicitada na unidade a seguir:

*Quanto à análise, estabelece relações entre estes **retalhos** tirados do **todo**, aos poucos as categorias próximas vão se mostrando e o **fenômeno** emerge para que seja melhor **estudado** e **interpretado**. Mas, o todo está em um “**mundo de sentido**”, dialoga com os **saberes** de **quem pesquisa** e o **material analisado**. Assim, o pesquisador vai retirando pedaços, retalhos para **reconstruir** algo “**diferente**”, melhorado ou novo, pela proximidade (T3.7, grifos meus).*

No desafio de compreender o fenômeno, ou de interpretar o que se mostra dele, o pesquisador estabelece um diálogo entre os seus “preconceitos”⁵, Gadamer (2015), e o material constituído no intento de descrever o contexto investigado. A reorganização entre o caos, dos/nos infinitos retalhos selecionados, e a ordem, inerente a reconstrução desses fragmentos, é destacada por Moraes e Galiuzzi (2016, p. 244):

Operar entre caos e ordem é mergulhar na intensidade dos fenômenos, explorando sua profundidade pelo envolvimento e participação intensa. Implica atingir a não linearidade dos fenômenos, o caótico criativo e a dimensão incontrolável da inovação surpreendente. Atingir a profundidade e a intensidade dos fenômenos exige participação intensa do pesquisador em sua subjetividade e individualidade, processo de criação e imaginação em que a autoria não é uma opção, mas uma exigência.

No exercício desafiador de investigar o que se mostra do/no fenômeno, a partir de nossa subjetividade, e da consciência da existência de nossos preconceitos, emerge a demanda pela busca de teorias que se desvelam do processo de compreensão das palavras, que assumem natureza de conceito. Nesse percurso emergem condições de possibilidade para a constituição de uma consciência hermenêutica. Como argumenta Gadamer (2015, p. 358):

Em princípio, quem quer compreender um texto deve estar disposto a deixar que este lhe diga alguma coisa. Por isso, uma consciência formada hermeneuticamente deve, desde o princípio, mostrar-se receptiva à alteridade do texto. Mas essa receptividade não pressupõe nem uma “neutralidade” com relação à coisa nem tampouco um anulamento de si mesma; implica antes uma destacada apropriação das opiniões prévias e preconceitos pessoais. O que importa é

dar-se conta dos próprios pressupostos, a fim de que o próprio texto possa apresentar-se em sua alteridade, podendo assim confrontar sua verdade com as opiniões prévias pessoais.

No âmago deste debate, em torno do movimento compreensivo da/na ATD e o (re)conhecimento de nossos preconceitos, Sousa e Galiazzi (2018, p. 812-813) elucidam que:

[...] a análise com a ATD possibilita colocar-se em um jogo entre as perspectivas epistemológicas que se carrega, as teorias *a priori* e as emergências teóricas possibilitadas pelo movimento interpretativo hermenêutico. Nesse caminho, o exercício feito a partir dos significados das palavras intencionalmente escolhidas, permite movimentar-se baseado em preconceitos com vistas a horizontes de compreensão que podem ser ampliados. Nesse processo analítico, pensando no diálogo sobre ATD, é que existe a possibilidade de intensidade, de atentar para a importância da descrição fenomenológica em um movimento de escuta ao que se mostra na interlocução empírica para o exercício hermenêutico de atenção às palavras do pesquisador, para que as pré-compreensões se estendam a compreensões ampliadas.

No entanto, apesar de compreender e argumentar em torno da subjetividade, enquanto um tempero da/na ATD, não podemos negligenciar a relevância do estabelecimento de questões orientadoras, ou das nossas intencionalidades da/na pesquisa. Conforme discorre T5.14:

*Para tanto, **questões orientadoras** devem ser levantadas para auxiliar na **percepção** dos fenômenos e **metáforas** podem ser usadas para descrever suas **complexidades** e **subjetividades**, sendo a escrita um processo contínuo que desemboca na produção de um metatexto, no qual tem-se a exposição de ideias, compreensões e teorizações que propiciam a **autoria** do pesquisador (T5.14, grifos meus).*

Refletir e organizar em torno de nossas intencionalidades de pesquisa se configura como uma etapa preponderante no processo de desenvolvimento da ATD. Essa tem sido uma defesa de autores do campo da pesquisa qualitativa como Ghedin e Franco (2015, p. 252), especialmente quando argumentam que:

O que existe, de início, é uma intencionalidade metodológica, que oferece os primeiros passos e o instrumental inicial. Não obstante, essa intencionalidade é que deverá acompanhar o pesquisador em seu processo de investigação; ela será a caixa de diálogo que acompanhará todo o processo investigativo, a qual, por sua vez, será a potencializadora da dúvida metódica e o espaço necessário para a construção de um conhecimento científico.

Inicia-se o movimento de unitarização com base nas nossas intenções e sob influência de nossos preconceitos, desse processo selecionam-se

unidades de significados, ou retalhos do todo, que posteriormente, mediante intensa descrição e interpretação, passam a se reorganizar, na elaboração das categorias e do metatexto, em formatos diversos, que podem ser comunicados de forma potente via metáforas e em níveis progressivos de autoria. Conforme argumentam Moraes e Galiuzzi (2016), no desafio da ATD, o tempero da autoria se delinea como uma exigência.

Portanto, assumir o desafio de trabalhar com a ATD envolve incorporar posturas e inserir alguns temperos que influenciam e são influenciados pela maneira como percebemos o mundo/realidade. Dentre os temperos que utilizamos, ou que foram percebidos em nosso percurso, destacam-se a dimensão da subjetividade e posturas assumidas na ancoragem teórica.

Tempero ii: pesquisar é escrever, e escrever potencializa a leitura

A aposta na escrita se configura como um tempero recorrente na proposição da ATD. Sua menção torna-se frequente nas obras que abordam suas nuances teórico/metodológicas. No livro “Análise Textual Discursiva”, Moraes e Galiuzzi (2016) dedicam um capítulo para contemplar a dimensão da escrita nesta metodologia, logo nas primeiras páginas apresentam um potente aforismo “escrever é preciso”, inspirado em Marques (2008). Avançam argumentando que na ATD:

[...] a produção escrita é um movimento de constituição de pensamentos próprios, argumentos originais, movimento que vai dos textos ao contexto, do inconsciente ao consciente. O escrever é um movimento do caos para a ordem, um exercício de ordenamento de algo inicialmente desordenado, de construção de novas formas de organização, elaboradas pelo pesquisador a partir de sua pesquisa. Ao final das análises e da escrita é preciso ter algo a dizer e dizê-lo de forma clara e organizada (Moraes; Galiuzzi, 2016, p. 117).

Nesse espectro de discussões, na obra “Aprendentes do Aprender: um exercício de Análise Textual Discursiva”, Galiuzzi, Ramos e Moraes (2021, p. 16, grifos dos autores) argumentam que:

Nesse sentido destaca-se a importância dada à escrita e ao registro de pensamento próprio que é aprofundado ao longo do exercício da ATD, ou seja, o empenho em escrever para pensar mesmo antes da leitura de textos e artigos. Dito de outra forma, *escreve-se para ler*. É a escrita do pensamento próprio da temática em estudo que vai orientar e exigir a leitura.

No âmago da ATD, a escrita assume papel relevante no desenvolvimento das dimensões que a estruturam. Esse entendimento é destacado por T5.12, especialmente ao enfatizá-la enquanto um processo contínuo. Nas suas palavras:

[...] na ATD a escrita deve ser **contínua** desde o **início** das análises, possibilitando **descrever** as **percepções** a respeito dos **fenômenos** e, ao final, o **metatexto**, no qual são transmitidas as ideias, **interpretações**, **compreensões** e

teorizações sobre os fenômenos, carregando traços próprios do **autor**. No entanto, no processo de compreensão podem surgir questões complexas e subjetivas difíceis de serem relatadas de forma literal, implicando no emprego das metáforas para comunicar o que se tem conhecimento e o que ainda não se sabe sobre o fenômeno (T5.12, grifos meus).

De maneira convergente T6.9 argumentam que a escrita, na ATD, envolve dimensões de descrição, interpretação e argumentação. Conforme descrito na unidade a seguir:

Na ATD, a **descrição** possui um papel fundamental, pois é nesse momento que compartilhamos com os outros o que descobrimos sobre o **objeto** de nossa investigação. **Escrever** engloba atividades como **descrever, interpretar e argumentar**. Os participantes da pesquisa devem sentir-se representados nesse contexto, mesmo que de maneira geral. A interpretação deve basear-se tanto em ideias pré-existentes (a priori) quanto em ideias novas (emergentes) que estamos descobrindo. Não devemos nos limitar a descrever o que encontramos, mas é crucial interpretar e apresentar argumentos válidos. É dessa maneira que novas ideias e teorias surgem (T6.9, grifos meus).

A relevância da escrita na ATD pode ser encontrada mediante distintos momentos, especialmente quando analisamos a sua obra base. No entanto, nesse momento gostaria de selecionar um, dentre vários fragmentos possíveis, que explícita essa perspectiva. Quando abordam o objetivo, a intenção da ATD, Moraes e Galiuzzi (2016) atribuem ao metatexto essa figura. Conforme destacam: “Todo o processo de Análise Textual Discursiva volta-se à produção do metatexto” (Moraes; Galiuzzi, 2016, p. 54).

No intento de explicar as características do metatexto apresentam os movimentos de escrita descritiva e interpretativa como dimensões primordiais. Quando mencionam a dimensão da descrição elucidam que:

Entende-se a descrição como esforço de exposição de sentidos e significados em sua **aproximação mais direta** com os **textos analisados**. Descrever, nesse sentido, constitui-se num movimento de **produção textual mais próximo do empírico**, sem envolver um exercício interpretativo mais aprofundado. Desse modo, a descrição significa uma exposição de ideias de uma perspectiva próxima de uma leitura imediata, mesmo que cuidadosa e detalhada. Na medida em que o pesquisador se afasta dessa realidade mais imediata do texto, entretanto, está se envolvendo gradativamente mais num exercício interpretativo (Moraes; Galiuzzi, 2016, p. 57, grifos meus).

Na descrição o pesquisador, da/na ATD, ainda mantém um elo mais próximo com seu material empírico, o texto. Destaca, seleciona e discorre sobre algumas dimensões que mais se sobressaem, considerando seus preconceitos e intenções. Na medida em que se descola, em termos de proximidade, do material textual, sua unidade de contexto, rompe as

barreiras que distinguem a descrição da interpretação. No que tange, especificamente, a interpretação Moraes e Galiazzi (2016, p. 57-58) argumentam que:

No contexto da Análise Textual Discursiva interpretar é **construir novos sentidos e compreensões, afastando-se do imediato** e exercitando uma abstração. Interpretar é um exercício de construir e de expressar uma compreensão mais aprofundada, indo além da expressão de construções obtidas a partir dos textos e de um exercício meramente descritivo.

Nesse movimento, por meio da escrita descritiva, para além de considerar seus preconceitos depara-se com o (re)conhecimento daqueles que sequer imagina ter. Esse percurso delinea-se como uma potência na ampliação de horizontes, no encontro com teóricos experienciamos um processo de conhecer mais sobre nós mesmos.

Por meio desse processo, progressivamente, desenvolvemos o exercício de escrita, inaugurado por perspectivas descritivas rumo a interpretativas e autorais. Diante do exposto, mediante a análise das escritas dos pós-graduandos, pode-se compreender que a ATD nos oportuniza uma outra maneira de fazer e entender a pesquisa de natureza qualitativa, com posturas e percepções que destoam de formatos mais estáticos. Nesse ínterim, argumenta-se que pesquisar é escrever e este exercício alicerça as dimensões que constituem a ATD e a sua aprendizagem delinea-se como uma intencionalidade. Escrevo logo pesquiso, escrevo e assim entendo a extensão da minha compreensão e incompreensão, logo leio. Ao ler amplio meu repertório de compreensão do fenômeno investigado.

Tempero iii: o metatexto e seu potencial como elemento estruturante do conto

Na dimensão anterior, no tempero ii, discorreu-se em torno da relevância da escrita na ATD. Esboçou-se nesse momento o papel do metatexto como momento de culminância do exercício de análise, contemplando as dimensões de escrita descritiva e interpretativa que alicerçam o percurso trilhado pelo pesquisador no processo de análise e compreensão do fenômeno investigado.

Nessa dimensão, no tempero iii, assume-se como foco do debate o metatexto em si, além de seu potencial no desafio de narrar as aprendizagens e interpretações construídas no transcórre do itinerário de análise. Ante ao exposto, destaca-se, na sequência, a unidade de T3.12, que denota ao metatexto a figura de uma viagem rumo a novos horizontes. Conforme propõem:

*O metatexto se constitui em uma **viagem** que inicia na **unitarização** no evoluir na/da metodologia de ATD. Ao investigar um fenômeno, pode-se chegar a um determinado ponto e novas direções surgem e percebe-se que há um limite, um obstáculo. É preciso a percepção de estar em um período do espaço-tempo contextualizado, o que exige **versatilidade** para que as **conexões** nos impulsionem a*

superar obstáculos e buscar novos horizontes (T3.12, grifos meus).

Nesse contexto, a produção do metatexto oportuniza uma viagem, guiada pela intenção do pesquisador em aprender com o fenômeno, demandando postura versátil e aberta, o que possibilita a superação dos obstáculos, ou das nossas ignorâncias, rumo a múltiplas conexões que possibilitarão alcançar e ampliar outros horizontes. No bojo desse debate, T5.10 atribui ao metatexto o espaço/tempo para sintetizar as compreensões emergentes, conforme explicitado na unidade a seguir:

*Sintetizando, o **resultado final** da ATD é o **metatexto**, onde o pesquisador divulga suas **compreensões, interpretações, teorizações e ideias próprias** sobre os **fenômenos emergentes na análise**. Para isso, faz-se necessário o exercício de escrita desde as análises, permitindo descrever as percepções acerca do fenômeno e estabelecer uma relação entre o que se sabe e o que não se sabe, contribuindo para a melhor compreensão.*

Compreender o metatexto como produto do processo, longo e desafiador, da ATD envolve aprender a escrever, ler e pesquisar. Apesar de amplamente difundido e conhecido, especialmente para aqueles que leram e trabalham com a ATD, a estrutura do metatexto ainda conota um conjunto de questionamentos. Ao consultar a obra base podemos localizar distintas tentativas no intento de sistematizar sua estrutura. Nesse escopo Moraes e Galiuzzi (2016, p. 53-54) destacam que:

A estrutura textual é construída por meio das categorias e subcategorias resultantes da análise. Os metatextos são constituídos de descrição e interpretação, representando o conjunto, um modo de teorização sobre os fenômenos investigados. A qualidade dos textos resultantes das análises não depende apenas de sua validade e confiabilidade, mas é, também, consequência do fato de o pesquisador assumir-se autor de seus argumentos.

Calixto, Galiuzzi e Kiouranis (2024, p. 30), em exercício análogo, argumentam que:

É na captação do novo emergente, na tessitura do Metatexto, que as pistas emergentes do intenso movimento de análise começam a emergir de forma ordenada e validada por uma trama coerentemente estabelecida entre as unidades de análise, as compreensões do pesquisador e as zonas de ancoragem teórica. Acerca desta dimensão tão relevante podemos destacar algumas reflexões: i) trata-se de um dos objetivos fulcrais da ATD; ii) origina-se a partir das CF e se estrutura por meio das Clni e Cint; iii) sua qualidade se relaciona, também, para com a qualidade dos argumentos desenvolvidos pelo pesquisador, mediante sua impregnação e envolvimento para com o fenômeno investigado; iv) contempla dimensões de descrição (das/nas categorias e do/no material empírico) e interpretação (incorporação da teoria – existentes ou emergentes); v) demanda de validação

(por meio de um bom processo de unitarização e categorização, além de potente ancoragem dos argumentos às US, o que oportuniza um bom exercício de análise).

Do processo percorrido até aqui, pode-se argumentar em torno de que pesquisar, com a ATD, é escrever e nesse desafio o metatexto incorpora a dimensão de culminância desse itinerário. Alicerça-se a partir dos movimentos anteriores, unitarização e categorização, e resguarda validade e qualidade mediante a densidade dos processos de descrição e interpretação, além da incorporação de elementos teóricos que ancoram as análises tecidas e os argumentos propostos.

Diante dessa conjectura, ao argumentarmos que pesquisar é escrever, assumimos uma postura de que a ação de investigação contempla o exercício de contar uma história. E nesse conto, o pano de fundo se delinea como o que se mostra do/no fenômeno investigado. Nesse percurso, contar um conto do/no fenômeno se operacionaliza por meio da escritura do metatexto, que se entretete mediante as dimensões empíricas, de interpretação do pesquisador e a ancoragem teórica.

Tempero iv: um passo à frente, dois atrás, avanço mais três e sigo o caminho: a reconstrução como combustível

A recursividade, enquanto elemento constituinte, da/na ATD pode ser contemplada em distintas nuances, nesse momento destacaria três possibilidades, sendo elas: i) mediante o seu entendimento de pesquisa qualitativa; ii) sua definição; e iii) por meio do princípio da escrita. Como pistas que alicerçam o primeiro marcador, destaca-se a definição de pesquisa qualitativa proposta por Moraes (2021, p. 119), especialmente quanto argumenta que:

[...] a pesquisa científica qualitativa pode ser compreendida como um conjunto de ciclos dialéticos e hermenêuticos. Inicia-se no questionamento de um ser; movimenta-se no sentido da proposição de novas teses para o seu questionamento, indicando novas formas de expressá-lo no discurso, exigindo-se a fundamentação teórica e empírica das novas propostas, assim como sua validação junto a uma comunidade científica; os ciclos se concluem com a comunicação dos novos argumentos, representando novas formas de apresentação do ser questionado. O produto final representa o ser reconstruído, seja um conhecimento, uma prática ou outro aspecto focalizado.

Nesse percurso, para além da possibilidade de retomar o processo quando chegamos ao Novo Ser, retornando ao Ser, o autor argumenta em torno da possibilidade de percorrermos, de forma não linear, os cinco elementos que encontram-se localizados entre os extremos. No intento de comunicar esse ciclo da pesquisa qualitativa, assim como seus elementos, propõem a seguinte espiral, apresentada na Figura 1, na sequência.

Figura 1 – Ciclos reiterativos dialéticos de uma pesquisa



Fonte: Moraes (2021, p. 103).

Concernente à abordagem da dimensão da recursividade na sua definição, sua orientação, Moraes e Galiazzi (2016) elucidam sua vinculação, especialmente nas suas dimensões de unitarização, categorização e metatexto. Conforme destacam:

[...] a análise textual discursiva pode ser compreendida como um processo auto-organizado de construção de compreensão em que os entendimentos emergem a partir de uma **sequência recursiva** de três componentes: a desconstrução dos textos do “corpus”, a unitarização; o estabelecimento de relações entre os elementos unitários, a categorização; o captar o emergente em que a nova compreensão é comunicada e validada (Moraes; Galiazzi, 2016, p. 34, grifos meus).

A recursividade é retomada quando discorrem acerca do processo de tramatura do metatexto. Nas suas palavras:

Nesse movimento, o pesquisador, a partir dos argumentos parciais de cada categoria, exercita a explicitação de um argumento aglutinador do todo. Este é então empregado para costurar as diferentes categorias entre si, na expressão da compreensão do todo. Este processo é por natureza **recursivo**, exigindo crítica permanente dos produtos parciais no sentido de uma explicitação cada vez mais completa e rigorosa de significados construídos e da compreensão atingida (Moraes; Galiazzi, 2016, p. 51-52, grifo meu).

Como elementos de convergência entre as três dimensões de abordagem da recursividade, na ATD, podemos destacar a sua intencionalidade com a ampliação de horizontes, do fenômeno e da pesquisa em sua amplitude global, além da metamorfose do pesquisador.

Esse processo de ampliação de horizontes, catalisado pela recursividade, remonta dos princípios que ancoram a ATD, especialmente a Fenomenologia e a Hermenêutica. Inspirada por essa perspectiva, T5.8 argumenta que a descrição dos sentidos e significados permite a compreensão do fenômeno. Nas suas palavras:

*Portanto, a ATD fundamentada na perspectiva **fenomenológica** e **hermenêutica**, permite que os **fenômenos** se tornem **perceptíveis** nas análises e sejam **compreendidos***

a partir da **interpretação** dos sentidos e significados das **palavras** que o descrevem (T5.8, grifos meus).

Entretanto, conforme argumentam T3.3, esse processo demanda impregnação, que pode ser entendida, nesse cenário, enquanto sinônimo de dedicação. Aspectos sinalizados na unidade na sequência: “No entanto, para que a **impregnação** do pesquisador aconteça, o debruçar-se com **dedicação** é necessário, diante disso, tecemos a compreender o processo **recursivo** a partir da **fenomenologia** e **hermenêutica**” (T3.3, grifos meus).

As nuances explicitadas, para além de enfatizar a perspectiva recursiva da/na ATD, encorpam o argumento em torno da relevância de destinarmos esforços no desenvolvimento de estudos da ATD, enquanto fenômeno a ser compreendido, conforme intencionado no Programa de Estudos e Pesquisa que tenho conduzido, Calixto (2025a, 2025b), e por investigações comunicadas por Sousa (2016), Galiazzi e Sousa (2022) e Galiazzi, Lima e Ramos (2020).

Mediante o exposto, intenciona-se fortalecer o argumento de que fazer pesquisa é escrever. Escrever é buscar aprender. Aprender é estar aberto a nossas limitações. O processo é recursivo, um itinerário singular, percurso mediado por nossas subjetividades. Um passo à frente, dois atrás, avanço mais três e sigo o caminho. Nesse movimento, não linear, a reconstrução precisa ser assumida como combustível.

Tempero v: duvidar de nossas certezas, um tempero da/na ATD

Como último tempero desta cesta, aflora a postura que dúvida das certezas. Essa dimensão pode ser observada logo nos primeiros ensaios de definição da ATD, especialmente quando os autores discorrem que ao se vincular a investigação qualitativa, a ATD “[...] não pretende testar hipóteses para comprová-las ou refutá-las ao final da pesquisa; a intenção é a compreensão, a reconstrução de conhecimentos existentes sobre os temas investigados” (Moraes; Galiazzi, 2016, p. 33).

A desvinculação da ATD para com uma lógica positivista, que prima pela busca por verdades estáticas, é destacada por Galiazzi e Sousa (2022, p. 22) especialmente quando argumentam que:

A busca pelo afastamento da ATD em relação ao positivismo ocorre especialmente pelo afastamento desta metodologia de análise a esta vinculação característica das Ciências Naturais. Falamos de uma metodologia que está voltada à ideia de progresso e de desenvolvimento, na qual as tradições históricas precisam ser desconsideradas assim como os sujeitos que dela fazem parte, em nome da objetividade.

Distanciar-se das certezas, objetividade, e assumir a dúvida como combustível do processo não instaura a falta de validade em nossas investigações. Nesse escopo o zelo, inerente ao movimento de comunicação das etapas inerentes a ATD, unitarização, categorização e metatexto, se delinea como demanda pujante.

A esse respeito Calixto, Galiuzzi e Kiouranis (2024) argumentam em torno da pertinência de desenvolvermos algumas ações no intento de incorporarmos validade ao percurso de análise, das quais mencionam: i) construir argumentos e descrição das categorias de forma a tornar inteligível e coerente o movimento de categorização; ii) realizar um exercício de triangulação entre as unidades de significado, o empírico, e as compreensões do pesquisador, as interpretações, entretecendo a esse processo elementos de ancoragem teórica; e iii) organizar ilustrações (quadros, figuras, fluxogramas,...) que oportunizem a comunicação e o entendimento das categorias propostas.

Nos matizes, que constituem esse tempero, acresce-se a discussão proposta por T5.1, em torno da relevância da elaboração de questionamentos no processo de unitarização. Para a pós-graduanda: “[...] o levantamento de **questões** que propiciem, na ATD, a **percepção** de **fenômenos** emergentes como resposta, tendo a finalidade de **nortear** o processo de análise durante a unitarização” (T5.1, grifos meus). No bojo desse debate, T2.6 elucida que questionar os propósitos da própria pesquisa faz parte do fazer ATD. Nas suas palavras:

A pergunta de pesquisa orienta a unitarização do corpus, em seguida aproximam-se os sentidos dessas unidades para formar as categorias. Uma certa quantidade de categorias é necessária para a produção do metatexto, que uniria as ideias, percorrendo toda a pesquisa, trazendo a teoria e as percepções do próprio pesquisador. Assim essa é uma metodologia que faz o pesquisador questionador os propósitos de sua pesquisa, chegando no metatexto ela o faz retornar o tempo todo aos seus objetivos, influenciando tanto como a pesquisa é organizada como as descobertas são comunicadas (T2.6, grifos meus).

Como mencionado, logo no prelúdio dessa dimensão, o último tempero, testar e/ou refutar hipóteses não se delinea como o foco, a intenção, da ATD. Mais do que propor verdades, generalizar teorias e afirmações, almeja-se interpretar e nesse percurso desvelam-se devires, inseguranças, ignorâncias, enfim, horizontes a desbravar. Diante do exposto, ousa-se problematizar o fato de que ao pesquisar, geralmente, almeja-se o estabelecimento de verdades estáticas e capazes de comportar nuances replicáveis e pragmáticas.

Gadamer (2015) nos convida a uma outra égide para compreensão do que pode ser verdade, não como algo absoluto ou fixo, mas como produto de um movimento histórico e dialógico de compreensão. Conceber a verdade como um processo rompe com a lógica que determina sua objetificação, como algo a ser possuído, mas como um evento da/na compreensão, imersa na historicidade e na tradição.

No processo de fusão de horizontes, num diálogo entre intérprete e a coisa a ser interpretada, desvelam-se condições de possibilidade para constituição de uma consciência hermenêutica. Nesse/desse exercício, ancorado em uma racionalidade hermenêutica, a verdade pode ser

compreendida como uma coisa tramada no diálogo com distintas tradições, do eu com o outro, passado e presente. Incorporar essa perspectiva nos convida a assumir a verdade como histórica, linguística e passível de distintos matizes, um movimento.

Se escrever é pesquisar, na ATD, e ao escrever percebo minhas limitações, e nisso busco a leitura como ação para diversificação do meu repertório, como posso assumir uma postura de certezas estáticas? Na ATD, o mais próximo, que podemos ousar chegar no que tange a certeza se refere ao entendimento de sua pluralidade, certezas, e a momentos de culminância, como a estruturação do metatexto, que precisa concluir uma etapa, um porto de reabastecimento rumo a outros desafios/viagens. Duvidar de nossas certezas é um tempero constante da/na ATD.

SIGAMOS RUMO A NOVAS CESTAS E OUTRAS COMBINAÇÕES DE TEMPEROS: O ABANDONO DO DIÁLOGO NAS CONCLUSÕES

No decorrer desse texto, comunica-se o percurso interpretativo inerente a investigação de uma sala de aula, vinculada a pós-graduação, que assumiu a ATD como conteúdo a ser ensinado/aprendido e fenômeno a ser estudado/investigado. Como questionamento catalisador do processo, destaca-se: o que é isto que se mostra de uma sala de aula, que assumiu a ATD como o fenômeno a ser aprendido e investigado, a partir das vivências dos pós-graduandos?

Nesse sentido, os seis textos finais produzidos por dez pós-graduandos, de forma individual ou em dupla, foram analisados mediante os pressupostos teórico/metodológicos da ATD. Do processo de análise foram constituídas oitenta e seis unidades de significado, quatorze categorias iniciais, três categorias intermediárias e uma final. Nesse artigo, considerando as dimensões e amplitudes discursivas normatizadas, optou-se pela apresentação da terceira categoria intermediária, “os temperos da (ces)sexta: percepções construídas”, composta pelas categorias iniciais C, E, F, J e M.

As categoriais iniciais supramencionadas podem ser compreendidas enquanto os temperos que distinguem e caracterizam a ATD que se aloca em nossa cesta, constituída e tramada no decorrer de nossas aulas durante as sextas a noite. Nesse ínterim, cinco temperos são propostos, assumindo o processo de análise dos textos dos pós-graduandos enquanto elemento catalisador desse movimento criativo, dos quais pode-se mencionar: i) da consideração da subjetividade à exigência pela autoria; ii) a escrita enquanto princípio, estruturado pelo desafio do percurso entre a descrição e a interpretação; iii) o metatexto como intencionalidade e a sua potência na comunicação do conto que se estabelece no movimento de análise; iv) da recursividade à demanda pelos estudos das dimensões que ancoram a ATD; e v) a dúvida das certezas e o distanciamento de perspectivas positivistas.

Para além do exposto, compreendo, a partir das reflexões tecidas e da interpretação das nossas vivências e experiências, o potencial da ATD enquanto uma metodologia de ensino na pós-graduação (Calixto, 2025a,

2025b). Assumir seus pressupostos, fenomenológicos e hermenêuticos, assim como a escrita em sua função epistêmica e a pesquisa enquanto princípio pedagógico, catalisam o processo de compreensão e aprendizagem em torno de uma temática, tal como foi em nossa sala de aula, na qual a própria ATD se configurou como o fenômeno a ser compreendido.

Diante do exposto até o momento, culminamos o processo, abandonamos o diálogo, mas não o encerramos. Nesse sentido, no presente cenário, ousa-se argumentar que o conteúdo da cesta, produzida nas sextas, sofre, de maneira progressiva, adaptações e ressignificações na medida em que avançamos no percurso. Nesse sentido, podemos argumentar que vão sendo inseridos temperos que intensificam percepções já existentes e desvelam outras ainda ocultas. O repertório de temperos vai se diversificando na medida em que nossas vivências e experiências vão se complexificando, no exercício de escrever, ler, pesquisar, dialogar e argumentar. Além disso, duvidar de nossas certezas, ou seja, questionar a funcionalidade dos temperos e/ou sua aplicação a um espectro reduzido de objetivos, se configura como combustível do/no processo de aflorar outras possibilidades de aprendizagens, aromas e sabores.

AGRADECIMENTOS

Nesse momento, gostaria de destinar meus sinceros agradecimentos ao Professor Roque Moraes (*in memoriam*) e a Professora Maria do Carmo Galiuzzi, por todas as suas contribuições ao campo da Educação Química/Educação em Ciências e por serem professores que nos inspiram cotidianamente. Além disso, um agradecimento especial a cada um dos dez pós-graduandos que me desafiaram a aprender mais acerca da/na ATD.

NOTAS

1. <https://www.even3.com.br/o-exercicio-da-analise-textual-discursiva-na-pesquisa-411824/>
2. Os vídeos supramencionados podem ser acessados nos seguintes links, respectivamente:
 - a) <https://www.youtube.com/live/MPI94LmzSQY?si=w1bqSyReAxYtOSog>
 - b) <https://www.youtube.com/live/fmYQubabEME?si=St4ZHQaoVuO8oP25>
 - c) <https://www.youtube.com/live/OZ8SZ5COTRY?si=P2pD0IFAv0g0lcOm>.
3. Para compreensão mais detalhada dessa atividade vale consultar Calixto (2025a, 2025b).
4. Para acessar o site do colóquio basta acessar: <https://jano.ufpr.br/coloquio-de-pesquisa-em-educacao-em-ciencias-fenomenologica-e-hermeneutica/>
5. Em “Verdade e Método I: traços fundamentais de uma hermenêutica filosófica” Gadamer (2015) problematiza a percepção pejorativa da

palavra preconceito, catalisada no período iluminista. Nesse escopo, constrói um argumento em torno de que os preconceitos podem ser entendidos como uma condição para compreensão, uma espécie de estrutura pré-compreensiva, que constitui nosso ser, imerso na historicidade e na tradição. Tal égide não determina que nossos preconceitos serão validados na compreensão, mas transformados, oportunizando o desenvolvimento de uma “consciência hermenêutica”.

REFERÊNCIAS

CALIXTO, V. S. Nem todo “chapeuzinho” é bom, nem todo lobo é mau: a Análise Textual Discursiva para além de uma metodologia de análise de informações empíricas. **Investigações em Ensino de Ciências**, [S. l.], v. 30, n. 2, p. 160–193, 2025a.

CALIXTO, V. S. Tem ATD na nossa (ces)sexta: o conto de uma sala de aula. **Química Nova na Escola**, no Prelo, 2025b. DOI: <http://dx.doi.org/10.21577/0104-8899.20160472>

CALIXTO, V. S.; GALIAZZI, M. C.; KIOURANIS, N. M. M. Horizontes compreensivos da/na Análise Textual Discursiva –ATD: da ousadia de entrar na toca do coelho à ampliação de horizontes por meio da metamorfose da lagarta. In: MAGALHÃES-JUNIOR, C. A. O. (Org.). **Análise de dados em Educação para a Ciência e a Matemática**. Ponta Grossa: Texto e Contexto, 2024, p. 20-34.

GALIAZZI, M. C.; LIMA, V. M. R.; RAMOS, M. G. A fusão de horizontes na análise textual discursiva. **Revista Pesquisa Qualitativa**, [S. l.], v. 8, n. 19, p. 610–640, 2020.

GALIAZZI, M. C.; RAMOS, M. G.; MORAES, R. (in memoriam) (org.). **Aprenderes do Aprender: Um exercício de Análise Textual Discursiva**. 1. ed. Ijuí: Unijuí, 2021.

GALIAZZI, M. C.; SOUSA, R. S. **Análise Textual Discursiva: uma ampliação de horizontes**. 1. ed. Ijuí: Editora da Unijuí, 2022.

MARQUES, M. O. **Escrever é preciso: o princípio da pesquisa**. Editora Vozes, 2008.

MORAES, R. Uma tempestade de luz: a compreensão possibilitada pela análise textual discursiva. **Ciência & Educação**, Bauru, v. 9, n. 2, p. 191-211, 2003.

MORAES, R. Roda da fortuna: Movimentos de uma espiral reconstrutiva da pesquisa qualitativa. In: GALIAZZI, M. C.; RAMOS, M. G.; MORAES, R. (in memoriam) (org.). **Aprenderes do Aprender: Um exercício de Análise Textual Discursiva**. 1. ed. Ijuí: Unijuí, 2021. p. 102-120.

MORAES, R.; GALIAZZI, M. C. **Análise Textual Discursiva**. 1. ed. Ijuí: Editora Unijuí, 2007.

MORAES, R.; GALIAZZI, M. C. **Análise Textual Discursiva**. 3. ed. Ijuí: Editora Unijuí, 2016.

GADAMER, H.-G. **Verdade e método I**: traços fundamentais de uma hermenêutica filosófica. 15. ed. Petrópolis: Editora Vozes, 2015.

GHEDIN, E.; FRANCO, M. A. S. **Questões de método na construção da pesquisa em Educação**. 2. ed. Cortez, 2015.

SOUSA, R. S. **A hermenêutica Filosófica no Horizonte da Educação Química**: o professor de Química como tradutor-intérprete de uma Tradição da Linguagem. 2016. Tese (Doutorado em Educação em Ciências) – Programa de Pós-Graduação em Educação em Ciências: Química da vida e Saúde da Universidade Federal do Rio Grande, Rio Grande, 2016.

SOUSA, R. S.; GALIAZZI, M. C. O jogo da compreensão na análise textual discursiva em pesquisas na educação em ciências: revisitando quebra-cabeças e mosaicos. **Ciência & Educação**, Bauru, v. 24, n. 3, p. 799-814, set. 2018.

Recebido em: 25 de junho de 2025.

Aceito em: 27 de outubro de 2025.